

Máquinas no campo

Colheita da cana

Homem vem perdendo espaço para a mecanização. Meio ambiente ganha, mas desemprego cresce

EVELINE ZERIO
Especial para gazeta

Até pouco tempo atrás, o setor usineiro - um dos maiores empregadores de Piracicaba - dependia exclusivamente da mão-de-obra para o corte da cana-de-açúcar. No entanto, em tempos modernos o cenário é outro. Hoje, 50% da área total de plantio de cana da região, que é de cerca de 130 mil hectares, já é mecanizada. A expectativa do setor é eliminar a queima no campo até 2014, conforme estabelecido pelo Protocolo de Cooperação para o Desenvol-

vimento Sustentável do Setor Canavieiro no Estado de São Paulo. Os pequenos produtores ganharam um tempo a mais. Eles devem erradicar a colheita manual até 2017.

Essa mudança de perfil, com o homem dando lugar à máquina, faz com que a colheita nas lavouras seja mais eficiente, lucrativa à usinas e também ao meio ambiente. Contudo, há perdas no campo. Os mais de três mil trabalhadores contratados na cidade apenas na época da colheita para esse ano, por exemplo, deixarão de ser empregados e podem fazer parte das estatísticas de desemprego.

"Essa é a nossa principal queixa. Esses trabalhadores não terão outra capacitação e muitos não serão aproveitados. Nossa região irá sentir muito com isso, porque 70% dos produtores são pequenos ou médios, ou seja, são aqueles que mais utilizam da mão-de-obra braçal, tanto pelas questões econômicas quanto pela irregularidade do solo", disse o presidente da Cooperativa dos Plantadores de Cana do Estado de São Paulo, José Coral.

A pesquisadora do Centro de Economia e Pesquisas Aplicadas (Cepea), da Escola Superior Agricultura Luiz de Quei-



Máquina já substitui a mão-de-oba na colheita da cana

roz (Esalq), Heloisa Lee Burnquist, comentou que ao longo da última década passou-se a aproveitar integralmente a cana-de-açúcar para não só a obtenção do açúcar, mas também para outros produtos como combustível, produtos químicos e plástico verde (PET). "A cana também favorece a produção da biomassa necessária para a produção de energia térmica e elétrica das usinas. Assim, a mecanização é fundamental."

Segundo ela, o processo mecânico vem se apresentando

como uma oportunidade para a aceleração no momento do processamento da cana e também é uma possibilidade de reforçar o volume de biomassa que chega à usina. "Antigamente, essa biomassa era queimada ou deixada no campo. Hoje, ela gera recursos. Cerca de 50% da palha gerada no campo (material que fornece a biomassa) é retirada e processada na usina sem prejuízo para as atividades agrícolas", conclui Heloisa.

A colheita é realizada em três etapas: o corte, o carrega-

mento e o transporte até a usina. "A mecanização vem sendo introduzida por partes. Começou pelo transporte e depois foi o carregamento. Mas, foi no corte o maior impacto justamente pela questão da mão de obra", disse Coral.

●PASSO A PASSO. A lavoura canavieira inclui preparo do solo, tratos culturais e colheita. As atividades de preparo do solo e plantio foram as primeiras a se tornarem mecanizadas. Tal mecanização não só aumenta o rendimento operacional do procedimento da cana como também reduz seu impacto ambiental, por dispensar a queima de resíduos.

O pesquisador Carlos Eduardo Pellegrino Cerri, também da Esalq, elaborou um estudo que tem como proposta a utilização das folhas e palhas como produtores de matéria orgânica para o solo ao invés da queima dos resíduos após a colheita.

"Deixar de queimar a cana já é uma contribuição importante porque as folhas queimadas liberam gases que contribuem para o efeito estufa. Tem várias outras iniciativas que podem ser feitas, como uso de adubação racional, que é deixar a palha no solo", diz o trabalho.

Christiano Diehl Neto